

Banqueiros deverão ceder às pressões

Divida Externa

Heitor Tepedino
Editor de Economia

As vésperas de sentar-se com os credores para a renegociação da dívida externa, o governo Sarney terá dificuldades para obter um acordo considerado satisfatório, mas certamente os banqueiros internacionais irão ceder, principalmente pela clara posição da maioria da classe política, que defende a moratória ou mesmo a suspensão dos pagamentos no período das conversações.

Banqueiro detesta político e vice-versa. No quadro atual, o presidente Sarney e os seus ministros estão na firme posição de honrar os compromissos, sem decisões unilaterais, isto é, o diálogo comandará as negociações. Entretanto, o presidente Sarney está muito bem posicionado politicamente, porque se os banqueiros apertarem o cerco e vierem com exigências inviáveis, o Chefe da Nação terá respaldo popular e político para adotar medidas mais duras, inclusive a suspensão dos pagamentos.

Apesar das dificuldades atuais de saldo das reservas internacionais e da queda do superávit da balança comercial, o Brasil tem bons trunfos para convencer seus credores de que o volume de dólares que pode pagar é bem menor do que eles pretendem. E esta equação é fácil de se armada, bastando um pouco de racionalidade por parte dos banqueiros, que podem compensar a economia

brasileira via redução de remessas ao invés de novos créditos.

Sem dúvida nenhuma a economia brasileira está sofrendo uma sangria insuportável, tirando-se sangue em excesso de um doador já fraco, para fortalecer mais ainda justamente aqueles que têm saúde de ferro, que são os banqueiros. Em uma análise fria, pode-se verificar que os recursos pagos pelo Brasil são meramente transferidos para outros tomadores, que pagam menos juros e "spreads" mais baixos, o que deixa a impressão de que querem evitar o fortalecimento da nossa economia, das nossas empresas e do nosso caixa.

Por isto que, embora as posições dos nossos políticos não tenham qualquer participação efetiva nas negociações com os banqueiros, indiretamente ajudam, porque no caso de se atender aos partidos políticos, os banqueiros se veriam em maus lençóis.

Neste contexto, tudo indica que o Brasil irá permanecer pagando em dia o seu débito externo de 106 bilhões de dólares, sem moratória e sem suspensão dos compromissos de curto prazo. No entanto, tudo leva a crer que a renegociação a ser iniciada será uma das mais duras por parte dos negociadores, ficando a dúvida se o governo conseguirá chegar ao fim desta jornada sem submeter-se ao Fundo Monetário Internacional. Até este momento, os credores não abrem mão desta premissa, considerada descartada pelo presidente José Sarney.

4 DEZ 1986

JORNAL DE BRASILIA

JORNAL DE BRASILIA